

O E S S E N C I A L S O B R E

# Mário Cláudio

Martinho Soares



**N** IMPRENSA  
NACIONAL

O E S S E N C I A L   S O B R E

# Mário Cláudio

Martinho Soares

# Índice

## 9 **Introito**

### 13 **Cosmos**

17 Nas ondas de Vénus

22 *Um Verão Assim*

### 27 **História e ficção**

33 Verdade e verosimilhança

42 Antiepopéia e desconstrução histórica

50 Camões e a Portugalidade em clave antiépica

### 61 **A ilusão biográfica**

69 Uma mimese criativa

71 Sob o signo de Pessoa

77 O fenómeno Tiago Veiga

86 Autobiografia

## 95 **Epílogo**

### 99 **Bibliografia**

105 **Obras de Mário Cláudio**

109 **Distinções e prémios**

*Que te importa o donde vim,  
e o aonde vou,  
se te basta conheceres que escrevo  
o que ninguém escreve,  
que invento o que ninguém inventa,  
e que descobro a cidade que  
ninguém descobre?*

Cláudio, 2016, 150.

## Introito

O essencial sobre Mário Cláudio visa, em primeira instância, a sua obra. E é sobre ela que falaremos fundamentalmente neste breve estudo. Todavia, falar da obra de Mário Cláudio é falar também da sua vida, de alguns traços da sua personalidade e de alguns factos estruturantes do seu percurso biográfico. Ademais, trata-se de um autor no qual vida e obra amiúde se confundem, se interpenetram e mutuamente se fecundam. Há muito que a existência e as coexistências de Rui Barbot Costa e de Mário Cláudio se deixaram enredar pelas malhas lúdicas da ficcionalidade narrativa, emprestando à sua obra laivos de divertida metaficcionalidade e de «realismo» histórico, simultaneamente gerando um jogo de incertezas entre autor e narrador, história e ficção, sujeito e objeto, vida e texto, passado e presente. A ser verdadeiro o que diz o esdrúxulo bardo de Amarante, «se, na verdade, *somos*, tudo o que em nós, se cria, também é, [...] o que o espírito humano conceber,

# Cosmos

Mário Cláudio iniciou a sua atividade de escritor sob o signo de Afrodite. *Ciclo de Cypris*, de 1969, constitui o *incipit* de uma carreira literária à qual assenta bem o jogo de predicados extensa, intensa e densa, atendendo a meio século de diuturna e incessante lide literária, sufragada pelo labor primoroso e atilado de uma *ars scribendi* que prima pela densidade semântico-pragmática, a dar forma justa à elevação dos juízos, à observação acutilante, ao fulgor criativo, ao manancial cultural e histórico. A diversidade de gostos e interesses e a flexibilidade estilística materializam-se numa obra poliédrica, composta por um leque alargado de géneros e tipos textuais, que se estende ao romance e à novela, ao conto, à poesia, ao teatro, à crítica e ao ensaio, à crónica e à tradução. Fulgurante é também o seu percurso como escritor. Lautamente aplaudido pela crítica especializada, reconhecido pelos pares, consagrado coletivamente pelas mais prestigiantes distinções florais, admirado e cor-

respondido por uma *elite* de indefetíveis leitores, também da parte das instituições académicas Mário Cláudio tem merecido vivo interesse e aturado estudo, vertido em teses de doutoramento, colóquios e várias publicações científicas. Cabe aqui destacar os eventos científicos que a Universidade da Beira Interior tem dedicado ao autor, congregando uma plêiade de leitores e estudiosos da obra claudiana, cujos trabalhos se encontram reunidos em vários volumes referidos na bibliografia final, sendo o último já de 2018, coordenado por Carla Luís, Alexandre Luís e Miguel Real, sob o título *Vida e Obra de Mário Cláudio* (Covilhã/Porto, UBI/Fundação Engenheiro António de Almeida). O mais recente número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* (vol. 38, n.º 59, janeiro-junho de 2018) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais é inteiramente consagrado à obra do escritor. Uma outra coletânea merece aqui destaque, falamos de *Mário Cláudio. 30 anos de trabalho literário (1969-1999)*, com coordenação e recolha de textos de Laura Castro (Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida/Livraria Modo de Ler, 1999). Dentre as monografias salienta-se a de Joaquim Matos, *Mário Cláudio: Ficção e ideário* (Porto, Edições Caixotim, 2004); a tese de doutoramento do brasileiro Mozahir Bruck, «A denúncia da ilusão biográfica e a crença na reposição do real: o literário e o biográfico em Mário Cláudio e Ruy de Castro», defendida em 2008, em Belo Horizonte; e, mais recentemente, a tese também de doutoramento de Carla Luís, «Língua e Estilo: um estudo da obra narrativa de Mário Cláudio» (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011). Para além

disso, a obra de Mário Cláudio tem atraído desde o início a atenção de alguns dos mais conceituados académicos e críticos literários do mundo lusófono, de que tem resultado um número bastante significativo de trabalhos de fina análise literária. Entre eles, Álvaro Manuel de Machado, Ana Paula Arnaut, Annabela Rita, Arnaldo Saraiva, Brunello de Cusatis, Carlos Reis, Dalva Calvão, Ernesto Rodrigues, Gabriel de Magalhães, Isabel Ponce de Leão, José Cândido de Oliveira Martins, José Carlos Seabra Pereira, Manuel Frias Martins, Maria Bochicchio, Maria Theresa Abelha Alves, Maria Alzira Seixo, Maria do Carmo Sequeira, Miguel Real, Teresa Carvalho, Teresa Cerdeira.

Cultor de um estilo que exegetas e admiradores tendem a filiar na tradição barroca<sup>2</sup> e de uma sintaxe, por vezes, no limite da opacidade e da charada, Mário Cláudio inscreve-se conscientemente nos antípodas da escrita fácil, rotineira e de consumo imediato que peja os mercados do momento,

---

2 Veja-se, a este propósito, o que disse Agustina Bessa-Luís, em 2004, no prefácio a *Triunfo do Amor Português* (12-13): «Se fosse preciso afirmar Mário Cláudio como um escritor, este livro *Triunfo do Amor Português* vinha coroar a sua obra. Obra barroca no sentido que lhe dá Eugénio d'Ors, 'exuberância de formas'. Hernâni Cidade, que se preocupou com a língua portuguesa, cita Eugénio d'Ors sobre o estilo barroco que 'prefere a linha curva ou caprichosamente quebrada'. E também refere o conceito que tem do barroco Benedetto Croce: procura de maravilha e anseio delirante, tal como se exprime o P. António Vieira nos seus Sermões.» Também Maria Theresa Abelha Alves (1999, 367-368) aproxima Mário Cláudio do Padre António Vieira «pelo cultismo e concetismo» e Álvaro Manuel Machado (1996, 131) fala de um estilo «luxuriante» e «neobarroco».



filiando-se orgulhosamente na estirpe dos imarcescíveis vates nortenhos, onde pontificam Camilo Castelo Branco, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes, Tomaz de Figueiredo, Agustina Bessa-Luís<sup>3</sup>. Não espanta, pois, que os leitores ocasionais ou menos experimentados desistam ao cabo de algum tempo, com alegações de escrita ininteligível, inacessível, obscura<sup>4</sup>. É certo que atravessar o pórtico órfico do universo claudiano exige ao neófito algum esforço iniciático; contudo, uma vez integrado e familiarizado com os códigos técnico-compositivos e ideotemáticos, o leitor verá o seu investimento ser largamente compensado, colhendo na leitura uma sensação prazerosa e gratificante, como poucas no contexto da literatura portuguesa contemporânea. A sua forma de escrever permite fruir do objeto literário para lá do seu encadeamento romanesco, que muitas vezes é escasso, concitando a atenção do leitor para o tecido verbal. O autor opera como que um processo de desterritorialização da linguagem — para usar o famoso teorema de Deleuze e Guattari — que põe em foco o sistema comunicativo e causa um efeito de estranhamento em relação à linguagem comum,

---

3 Gabriel Magalhães (2015, 153) considera Mário Cláudio um homem não somente do Norte português, mas «de todos os nortes do Norte», melhor dito, um «escritor setentrional», atendendo à sua ligação não apenas ao burgo de nascença mas às «névoas londrinas e irlandesas».

4 Mário Cláudio assume não ser um autor fácil e possuir uma língua muito rebuscada: «sou um escritor de expressão muito difícil [...], para quem a língua, de facto, é um instrumento de sacrifício, de martírio» (*apud* Castro, 1999, 18).

trazendo a enunciação para o primeiro plano da hierarquia narrativa. Ao mesmo tempo, compele o leitor a um correlativo processo de desautomatização da leitura e a uma percepção renovada da língua. Com efeito, ler a sua obra é, antes de mais, dar-se conta da riqueza exuberante do nosso património lexical, da plasticidade ilimitada da nossa gramática e dos belos efeitos de talha que a habilidosa mão do artista dela consegue extrair.

Encarado como modo de vida, o ofício literário assume foros de ciosa e tenaz labuta no quotidiano do autor, para o qual concorre com férrea disciplina diária, que justifica a ubérrima safra. E se quantidade e qualidade raramente se conciliam, no caso do ficcionista portuense, é tão mais assinalável a sua prolificidade quanto esta não se faz à custa de redundâncias e flutuações. A sua obra, sendo muito diversa em assuntos, géneros e até dimensão, prima pela consistência e elevação que a mantêm arreigada aos altos padrões de excelência a que sempre nos habituou.

### **Nas ondas de Vénus**

*Ciclo de Cypris* surge como o culminar de um processo de descoberta vocacional, natural para quem desde muito cedo se arrimara à farta biblioteca familiar e aí encontrara fortes motivos de emulação e de precoce e admirável desenvolvimento de rotinas escriturais. Saiu em edição de autor, sob a égide do pai, estando o jovem ausente às ordens de Belona. Se é certo que o quadro juvenil é particularmente atreito a experimentalismos

O livro **O ESSENCIAL SOBRE**  
**MÁRIO CLÁUDIO**  
é uma edição da  
**IMPRESA NACIONAL**  
tem como autor  
**MARTINHO SOARES**  
design e capa do ateliê  
**SILVADESIGNERS**  
revisão e paginação da  
**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA.**

Tem o ISBN **978-972-27-2765-5**  
e o depósito legal **453 158/19.**

A primeira edição  
acabou de ser impressa no mês de **MAIO**  
do ano de **DOIS MIL E DEZANOVE.**  
cód. 1023246

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**  
**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
www.incm.pt  
www.facebook.com/ImprensaNacional  
prelo.incm.pt  
editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

# Mário Cláudio

Martinho Soares

Mário Cláudio estreou-se como autor há 50 anos com a publicação de *Cielo de Cypris* (1969). Este pequeno livro de poesia marcava o início de uma próspera e multifacetada carreira literária, que aqui pretendemos revisitar e homenagear.

Visa-se, fundamentalmente, a sua obra, identificando os principais eixos temáticos e particularidades estilísticas.

Todavia, falar da obra de Mário Cláudio é falar também da sua vida, de alguns traços da sua personalidade e de alguns factos estruturantes do seu percurso biográfico. Ademais, trata-se de um autor no qual vida e obra amiúde se confundem, se interpenetram e mutuamente se fecundam.

ISBN 978-972-27-2765-5



9 789722 727655